



*João Caupers*

### **Marx, neo-liberais e zombies**

Sempre me intrigou a atracção que o cinema americano moderno tem pelos filmes de zombies, esses estranhos e horríveis meios-mortos meios-vivos. Descartada a hipótese de se tratar de inesperada influência de uma subcultura haitiana, o que pensar deste interesse inusitado?

Depois de muito puxar pela cabeça, encontrei uma explicação plausível: os zombies constituem uma metáfora neo-liberal sobre os desempregados que o capitalismo global produz aos milhões.

Em pleno século XIX Karl Marx recorreu ao conceito de exército industrial de reserva para descrever a situação dos proletários mantidos numa situação de miséria por um modo de produção que necessitava de uma massa de desempregados para pressionar os trabalhadores empregados a aceitar condições de trabalho desumanas. Se tentassem exigir melhores condições de trabalho, poderiam facilmente ser despedidos e substituídos por aqueles a quem um salário de miséria sempre parecia menos mau do que a miséria sem salário. Nos nossos dias, a metáfora zombie substituiu o conceito marxista.

Vejam se não é, pelo menos, uma possibilidade explicativa a explorar.

O que é que os filmes americanos fazem aos zombies?

Na primeira parte do filme, deixam-nos aumentar para criar problemas aos vivos, que ficam aterrorizados com a possibilidade de serem transformados em mortos-vivos;

Na segunda parte, exterminam-nos em grande número e sem problemas de consciência, pois já estão mortos.

Ora, desconfio que a ambição oculta de um qualquer economista neo-liberal, destes que se encontram nas esquinas dos telejornais, apresenta uma narrativa semelhante.

Numa primeira fase - em curso entre nós -, convém ter desempregados em número suficiente para ameaçar, ou mesmo substituir, empregados mais ciosos dos seus direitos, atemorizando-os com a possibilidade de se converterem em desempregados.

Mas o número destes não pode aumentar demasiadamente: não só não pagam impostos, como o subsídio de desemprego que recebem constitui despesa; se os reformam, continuam a ser despesa; se não lhes pagam nada, acabam por criar problemas e causar mais despesas.

Numa segunda fase, bom seria poder exterminá-los - não a todos, bem entendido, mas a um bom número - com custos reduzidos e sem que isso constituísse crime. Afinal, já estão economicamente mortos.

Estão a ver?

*Declaro que o texto que apresento é da minha autoria, sendo exclusivamente responsável pelo respetivo conteúdo e citações efetuadas.*